

W. C.
h.

ATA

N.º 03/2026

**SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPOSENDE**

**Realizada em
25 de abril de 2026**

Carla W. H.

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPOSENDE, REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2026: _____

---Aos **vinte e cinco** dias do mês de **abril** do ano **dois mil e vinte e seis**, nesta cidade de Esposende e no Auditório Municipal, reuniu em sessão extraordinária a Assembleia Municipal de Esposende, expressamente convocada para o efeito, sob a presidência de Alberto Queiroga Figueiredo, na qualidade de Presidente da Assembleia Municipal. -----

---A reunião da presente sessão foi secretariada pelos Primeiro e Segundo Secretários da Mesa, respetivamente, Carlos Jorge Enes Capitão de Abreu e Tânia Sofia Lima da Mota. -----

---Para além dos membros da Mesa, encontravam-se presentes os seguintes membros: -----

Duarte de Boaventura Barbosa, em substituição de António Benjamim da Costa Pereira,
Sara Filipa Gonçalves Herdeiro,
Francisco Manuel Guimarães de Melo,
Maria Gabriela Maranhão Abreu,
João Paulo Peixoto Torres,
Rita Jorge Holbeche Tinoco de Faria,
Vasco Manuel Cunha Bedulho, em substituição de João Pedro da Costa Laranjeira,
André Lima de Carvalho,
Elsa Isabel Gonçalves Fernandes,
Olga Cristina Moura Dias,
Dinis Cunha Ferreira,
Manuel Eiras Martins de Abreu,
Maria Alexandra Lage Sousa,
António Mateus Ribeiro Torres,
Sandra Patrícia de Sá Gomes,
Elisabete Ferreira Martins Santos,
Manuel José Sampaio Viana,
Abel Alexandre da Silva Vieira, em substituição de Manuel Correia da Vinha,
Manuel Filipe Marques Moreira,
Filipe Manuel Fonseca Marques,
José Miguel Gonçalves de Sousa,
Valdemar Mota de Faria,
Vitor Manuel Queirós Quintão,
Carlos Manuel Gonçalves Vilas Boas,
Jorge Humberto de Sousa e Silva,
Carlos Manuel Sampaio Brás Lima,
Carlos Manuel Calheiros de Almeida,
Fernando Gabriel Neves da Cruz, e
Óscar Fernando Monteiro Torre da Silva.

---Sendo 10 horas e 10 minutos, verificando-se a existência de “quórum” para o funcionamento da Assembleia, pelo Presidente da Mesa foi declarada aberta a sessão, encontrando-se presente o Presidente da Câmara Municipal, Carlos Manuel Pires Martins da Silva, em representação

✓
C
tj

desta, bem como dos Vereadores:

Aurélio Mariz Neiva,

Octávio Dimas Fernandes Eiras,

Paula Cristina Fonseca de Abreu Cepa,

Fátima Heloísa Pereira Escrivães,

Marina Luísa Carneiro Garcia Cardoso, e

Miguel Ângelo da Silva Neves, em substituição de Maria Alexandra Campos Esteves Faria de Vilar.-----

---Verificando-se a ausência dos Deputados Municipais Marlene Marques Caseiro, Joana de Barros Pereira e Rui Manuel da Ponte Gonçalves.-----

01 – PERÍODO DE INTERVENÇÃO DO PÚBLICO. _____

Não se verificaram inscrições.-----

02 - PERÍODO DA ORDEM DO DIA: _____

02.01 – ABERTURA DA SESSÃO EVOCATIVA DO 25 DE ABRIL: _____

Usou da palavra o senhor Presidente da Assembleia Municipal, cumprimentando os presentes e declarando aberta a sessão extraordinária evocativa do 25 de abril.-----

02.02 - INTERVENÇÕES POLÍTICAS: GRUPOS POLÍTICOS COM REPRESENTAÇÃO MUNICIPAL; PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE; PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL. _____

Pelo Senhor Deputado Municipal André Carvalho, do CHEGA, foi feita a intervenção que se transcreve:

*“Senhor Presidente da Assembleia Municipal e restante mesa,
Senhor Presidente da Câmara Municipal e restante vereação,
Senhoras e senhores Deputados Municipais,
Senhores Presidentes de junta de freguesia,
Estimado público aqui presente e que nos assiste através das plataformas digitais.
Muito bom dia a todos!*

Celebramos hoje o 25 de Abril. Celebramos a liberdade. Celebramos o fim de um regime que limitava direitos, restringia opiniões e não permitia aos portugueses escolher livremente o seu destino.

O 25 de Abril foi um momento fundador da nossa democracia. Um momento que abriu caminho à liberdade de expressão, ao pluralismo político, ao voto livre e à alternância democrática.

Cul *V di*

Mas celebrar o 25 de Abril não pode significar, transformar esta data numa narrativa única, fechada ou ideológica. O 25 de Abril pertence a todos os portugueses. Não pertence à esquerda. Não pertence a partidos. Não pertence a elites. Pertence sim – ao povo português! E é precisamente por isso que devemos hoje perguntar: Estamos a honrar verdadeiramente o espírito de Abril?

Porque o espírito de Abril não é apenas liberdade formal. É também liberdade real.

Liberdade para trabalhar. Liberdade para empreender.

Liberdade para viver com segurança.

Liberdade para dizer o que se pensa sem medo de censura social ou política.

E hoje, mais de 50 anos depois, muitos portugueses sentem que essa liberdade está incompleta.

Há portugueses que trabalham toda a vida e não conseguem pagar uma casa.

Há jovens que não conseguem construir um futuro no seu próprio país.

Há famílias que vivem com medo da insegurança nas ruas e até mesmo nas suas próprias casas.

Há cidadãos que sentem que o Estado lhes pede cada vez mais, mas lhes devolve cada vez menos.

Senhoras e Senhores,

O 25 de Abril não foi feito para criar novos privilégios. Não foi feito para perpetuar desigualdades.

Não foi feito para criar uma classe política distante das pessoas.

Foi feito para devolver o poder ao povo.

E esse é o compromisso que devemos renovar hoje.

Celebrar Abril também é reconhecer que a democracia precisa de ser defendida todos os dias. Defendida contra a burocracia excessiva.

Defendida contra o centralismo.

Defendida contra a perda de soberania e contra decisões afastadas da vontade popular.

Porque democracia não é apenas votar de quatro em quatro anos. Democracia é ouvir as pessoas.

É respeitar quem pensa diferente.

É aceitar o pluralismo político sem rótulos ou exclusões. Celebrar Abril é querer um país mais justo.

Celebrar Abril é querer um país mais seguro.

Celebrar Abril é querer um país onde trabalhar compensa. Celebrar Abril é querer um país que respeite os seus cidadãos.

Senhoras e Senhores,

A melhor forma de honrar o 25 de Abril não é apenas lembrar o passado. É cumprir o futuro.

É garantir que a liberdade conquistada não se perde.

É garantir que Portugal é um país de oportunidades.

Porque o 25 de Abril não é apenas uma data.

É um compromisso permanente com Portugal e com os portugueses.

E não podemos celebrar Abril, sem mencionar Novembro e sem lembrar que a verdadeira liberdade e a verdadeira democracia só foram alcançadas a 25 de Novembro de 1975.

[Handwritten signatures]

Depois do 25 de Abril, Portugal viveu um período de instabilidade profunda, conhecido como Processo Revolucionário em Curso, marcado por ocupações, nacionalizações forçadas, ameaças à liberdade de imprensa e tentativas de imposição de um regime de inspiração revolucionária. Foi a 25 de Novembro que militares moderados, liderados por figuras como Ramalho Eanes, travaram uma deriva que colocava em risco a democracia pluralista e as liberdades fundamentais. Foi nesse momento que Portugal escolheu definitivamente a democracia representativa, o pluralismo partidário e o Estado de direito. Sem o 25 de Novembro, Abril poderia ter sido apenas uma transição para outra forma de autoritarismo. Com o 25 de Novembro, Abril tornou-se verdadeiramente liberdade.

Viva a Liberdade!

Viva Abril, Viva Novembro!

E acima de tudo, Viva Portugal!"-----

De seguida interveio a Senhora Deputada Municipal Rita Tinoco Faria, do PS, tendo referido:

*"Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Esposende e membros da Mesa,
Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Esposende,
Sras e Srs Vereadores,
Ex.mas Sras e Srs Deputados da Assembleia Municipal,
Srs. Presidentes de junta e demais eleitos locais,
Digníssimos representantes e autoridades das instituições civis, sociais, humanitárias e religiosas aqui presentes,
Estimado público, cuja presença vem afinal materializar o que as celebrações do 25 de Abril representam: espírito de comunhão e de respeito mútuo em democracia,*

Permitam-me antes de mais poder ter uns momentos para desfrutar este momento. Nascida pouco tempo depois do 25 de Abril, já celebrei esta data de muitos modos: entre abraços da família, já o celebrei entre discursos de camaradas de partido, já o celebrei espontaneamente na rua, entre amigos e desconhecidos unidos em torno da mesma canção, mas é a primeira vez que o celebro como eleita local.

Sinto por isso uma enorme honra e sentido de responsabilidade de poder usar a minha voz e a minha presença para representar muitos e muitas outras esposendenses. E por poder fazê-lo em liberdade, sem medo de represálias, em total autonomia como cidadã portuguesa orgulhosa da história do seu país.

E este é um momento duplamente feliz. Porque, como vos disse, é a primeira vez que posso celebrar o 25 de Abril na casa da democracia do concelho de Esposende, mas é também o dia em que posso convosco celebrar a Constituição da República Portuguesa que entrou em vigor há exatamente 50 anos e que o meu avô paterno, Francisco Tinoco de Faria, ajudou humildemente a desenhar como deputado da constituinte. Apesar de sucessivas alterações, esta lei fundamental, que a todos e todas rege, manteve uma série de princípios essenciais que gostava de recordar.

Por causa do 25 de Abril e da Constituição da República Portuguesa, e por causa da efetiva democracia que desde aí se instituiu, sabemos hoje que Portugal se proclama uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária. A Constituição determina que Portugal é - Estado de direito democrático,

Aw *✓* *97*

- baseado na soberania popular, no pluralismo de expressão e organização política democráticas,

- que respeita e garante os direitos e liberdades fundamentais

- e onde há separação e interdependência de poderes

O grande objetivo destas orientações? A realização da democracia económica, social e cultural e o aprofundamento da democracia participativa.

A grande arma do povo português é precisamente esta democracia participativa e plural baseada na liberdade, na justiça e solidariedade e são estes valores que deram e continuam a dar o mote para o desenvolvimento e evolução do nosso país.

A democracia implica comunhão na medida em que as pessoas são chamadas a juntar-se e a participar na vida comum, a contribuir para identificar problemas e ajudar a encontrar as respostas para os resolver. As pessoas, as coletividades, as famílias, as instituições, as empresas podem e devem participar na vida pública de modo livre, sem receios de retaliações.

Muitos talvez tenham vivido essa época do pós-revolução em que eram constantes e recorrentes os ajuntamentos de multidões para discutir e resolver problemas, as assembleias populares, a ideia de que o poder estava na rua e era partilhado de mão em mão. De que a participação política – muitas vezes não partidária – era parte do dia a dia. De que o poder pertencia a todos e todas e já não a um pequeno grupo de autodesignados “obreiros da pátria”.

Uma das grandes características do 25 de abril é que está inscrita na constituição, é o respeito pela pluralidade. Não somos apenas uma sociedade em que “todos, todos, todos” temos lugar, como diria o Papa Francisco, mas temos lugar como seres plurais, no que nos une – o facto de sermos humanos – mas também nossas diferenças e divergências. A democracia portuguesa tem que continuar a ser respeitadora da dignidade de qualquer pessoa independentemente do seu sexo, cor de pele, estrato social, orientação sexual, profissão, idade, nacionalidade, opção religiosa ou política.

E a todos e todas, cada um com suas necessidades específicas e histórias de vida únicas, o Estado deve apoiar com justiça, com saúde, com educação e com habitação. E – sendo Portugal uma democracia participativa – está precisamente nas mãos do povo reclamar ao Estado e fazer a nossa quota-parte de construção do país através da participação cívica e política, reconhecendo que o meu vizinho pode ser diferente de mim, mas é meu vizinho e, no final, somos solidários no modo como contribuímos para o país e no modo como exigimos que Abril se cumpra.

Não se deixem, portanto, enganar com promessas de sereias de papelão, que fingem saber o que o povo quer – um povo que supostamente só se encontra pelos cafés e não o que estuda, trabalha, reza, cuida da casa e da família.

Não se deixem enganar por quem entende que a participação política, pluralidade e respeito devem ser abandonados ou diminuídos. Por quem responde à pluralidade com ódio e divisão, por quem responde à participação cívica com mentiras e desinformação, ou por quem responde ao respeito pela dignidade humana com toques de autoritarismo e suposta superioridade moral.

Devemos continuar a mover-nos pela utopia de Abril. De pretender uma sociedade justa e fraterna, completa e solidária, onde ninguém tenha que passar fome e necessidade, onde todos podem ter acesso a cuidados de saúde essenciais, todos e todas podem ser livres para constituir as suas famílias e ter um teto sobre as suas cabeças a preços proporcionais aos seus rendimentos.

Continuemos a defender Abril e a possibilidade de todos e todas termos acesso a educação e formação, podendo escolher autonomamente a profissão e o caminho que sentimos que melhor cumpre as nossas vocações. Continuemos a exigir instituições e empresas mais justas, transparentes e desenvolvidas. Continuemos a colocar sobre quem nos governa – seja ao nível central seja ao nível local – mais e maiores exigências de transparência, ética, legalidade e serviço público. Vamos continuar, juntos, a identificar os problemas e a discutir e encontrar as soluções.

Porque, na verdade, o que Abril nos trouxe é que devemos estar todos uns para os outros, principalmente para os vulneráveis e esquecidos. E Esposende tem ficado e continua esquecido. Sem saneamento em boa parte do seu território, com cuidados de saúde frágeis e subótimos, más soluções de mobilidade, poucas opções de habitação acessível e com um poder local ainda pouco diverso e plural.

Daqui de onde estou, vos asseguro que tudo farei para poderem contar com a minha voz para apoiar e ajudar mesmo – ou especialmente – quem é diferente de mim. Porque a pluralidade enriquece, não ameaça. Porque a pluralidade ensina, não destrói. Vamos continuar a caminhar com Abril e não contra Abril. Sejam realistas, ainda podemos exigir o que parece impossível se o fizermos juntos e juntas e em nome de todos e de todas.

Deixe-me terminar com as palavras de um artista da minha idade, André Tecedreiro:

Que quem encontre o caminho

Para a liberdade

Tenha a fortaleza de reviver

O ponto de partida.

Tenha a fortaleza

De regressar mil vezes

Para guiar o próximo.

Vamos ser fortes, vamos continuar juntos! Viva a liberdade, viva o 25 de Abril hoje e sempre!”-----

Intervio depois o Senhor Deputado Municipal João Paulo Torres do Grupo Político do PPD-PSD, tendo referido:

“Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia e restantes membros da mesa;

Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal e Sr.s e Sra.s Vereadores;

Entidades aqui presentes civis e religiosas;

Ex.mos Srs. Deputados Municipais e Presidentes de Junta;

Autarcas com funções presentes e passadas;

Público aqui presente.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Evocar abril hoje, 52 anos depois dessa marcante data de 74, não é - e nunca poderá ser - um mero exercício de história.

O 25 de abril de 74 será sempre muito mais que uma passagem de calendário, reduzida a um registo histórico. É um marco assinalável, um hino, uma prece à memória de todos aqueles que usando da coragem sem receio das consequências, foram em busca de um bem comum.

Arriscando, ousaram desafiar o regime, o “estado das coisas”, acreditando numa sociedade livre, justa e sem distinções. Não o fizeram pensando em estatutos próprios, em patentes ou



reconhecimento. Agiram sim movidos por um bem maior: a nossa liberdade.

Se bem o sonharam, melhor o fizeram. Legando-nos um futuro de portas abertas e desafiando-nos a construí-lo.

A acrescentar nesse projeto de um país mais justo cujos alicerces ali lançaram.

Abril de 74 é uma porta de embarque, não uma porta de chegada. Naquele dia, pela coragem de alguns, um país inteiro ousou sonhar.

Escreveu António Gedeão:

“Eles não sabem que o sonho é uma constante da vida, tão concreta e definida como outra coisa qualquer”.

E este nosso Portugal ousou desde então sonhar!

Sonhou-se naquela manhã de abril de 74, e nesse espírito, em 25 de abril de 75 com a eleição da Assembleia Constituinte.

Sonhou-se em 2 de abril de 76, com a aprovação da Constituição da República Portuguesa, carta maior dos direitos, liberdades e garantias que hoje temos como sido certos desde sempre - esquecendo tantas vezes que nem sempre assim foi. Esquecendo também que nada nos garante que sempre assim será.

Bastará olharmos além fronteiras para perceber que nações que tomamos como evoluídas estão hoje à mercê de políticas e políticos decadentes, que fazem perigar a liberdade e a democracia. E nós não estamos imunes a esses riscos.

Há precisamente 50 anos, a 25 de abril de 76, entrava em vigor a Constituição aprovada a 2 de abril e tínhamos nesta mesma data em curso as primeiras eleições para a Assembleia da República, casa mãe da democracia, tantas vezes desconsiderada face ao seu real valor. A representação máxima de abril ali materializada. Numa assembleia onde o Zé, o Sr. José e o Dr. José, têm exatamente o mesmo valor. Sem distinção, sem preferências nem prioridades.

Na convicção de um voto livre, secreto e universal, se constrói uma nação. Onde homens e mulheres, dignamente, celebram abril com as suas escolhas. Nenhuma democracia se constrói de abstenção. Nenhum futuro se constrói de chavões ao jeito: “são todos iguais”. Se os outros fossem todos iguais, sempre seria o momento certo para cada um de nós avançar e fazer diferente. Cabe-nos, pois, a responsabilidade de fazer essa diferença.

Bem sabemos que há uma parte expressiva dos atores políticos pós-25 de Abril que se tornaram verdadeiros bustos vivos, permanentes nas cúpulas das instituições e que isso induz no cidadão comum a ideia de que a democracia tem ainda senadores. Não tomemos, porém, a parte pelo todo. Apesar de tudo, destas vicissitudes (ou diríamos, num termo em voga: percepções) a democracia que temos é um lugar onde o povo tem voz e isso será sempre melhor que qualquer outro contexto.

Assinalar abril - e hoje em particular as primeiras eleições da Assembleia da República nestes seus 50 anos - não pode deixar de encher-nos de orgulho pelos últimos 50 anos da nossa história. Nem tudo foi perfeito? Certamente que não. Mas essa convicção não deve saber-nos a derrota. Deve sim desafiar-nos a corrigir, a evoluir, a construir.

Podemos concordar ou discordar do rumo, da ideologia, das obras e escolhas do país e das maiorias nestes últimos 50 anos. Podemos até acreditar que em determinados momentos o voto tenha sido mais ou menos esclarecido.

Mas fazemo-lo em liberdade.

Nenhum de nós será detido por ter opinião, ainda que frequentemente, neste tempo que cremos de modernidade, se instalem movimentos de “cancelamento” e de verdadeira defesa do “delito de opinião”.

ew w h

Percebemos assim que Abril não se esgotou.

Que muito falta cumprir de abril!

Temos liberdade de expressão... mas muitos não aceitam que a tenhamos sempre, sobretudo quanto não concordamos com as suas opiniões.

Temos igualdade... mas uns são menos iguais que outros.

Temos justiça... mas a sua execução cede frequentemente ao mediatismo, e somos nós, julgadores de praça pública, a proferir sentenças sobre causas que desconhecemos.

Ninguém é verdadeiramente livre se vir o seu acesso a um emprego condicionado pelas opiniões que tem.

Ninguém é verdadeiramente livre se o esforço do seu trabalho e o seu salário não lhe permitirem ter acesso a uma habitação e a uma vida digna para si e para os seus.

Ninguém é verdadeiramente livre se as políticas públicas não tiverem um foco central nas pessoas.

Se o acesso à saúde tardar, o acesso ao ensino não for efetivo e pautado pela equidade, se a justiça, pela sua demora, se traduzir num ato injusto.

Ninguém é verdadeiramente livre se não poder sê-lo na sua casa, na sua terra, no seu país.

E Esposende é um concelho que sabe bem o peso da saudade.

Do esforço dos nossos emigrantes.

Dos que daqui partiram em busca de vidas melhores, sujeitando-se a não ver crescer os filhos ou a não amparar os pais na velhice.

Também do suor deles se fez o crescimento desta terra e aqui os lembramos, conscientes que parte do processo de abril se fez também da luta desses que daqui partiram, quantos deles fugidos “a salto”.

Ninguém é verdadeiramente livre se não lhe for permitido sonhar.

Muito cumprimos de Abril, mas há ainda um longo caminho a percorrer.

Termino, com Palavras de Miguel Torga, no poema “Liberdade”:

*Liberdade, que estais no céu...
Rezava o padre-nosso que sabia,
A pedir-te, humildemente,
O pio de cada dia.
Mas a tua bondade onnipotente
Nem me ouvia.*

*Liberdade, que estais na terra...
E a minha voz crescia
De emoção.
Mas um silêncio triste sepultava
A fé que ressúmava
Da oração.*

*Até que um dia, corajosamente,
Olhei noutro sentido, e pude, deslumbrado,
Saborear, enfim,
O pão da minha fome.
Liberdade, que estais em mim,*

Santificado seja o vosso nome.

*Viva Esposende,
Viva Portugal,
Viva a Liberdade."*

Seguiu-se a intervenção do Senhor Deputado Municipal Francisco Melo, do Grupo Político do Movimento Mudança por Todos, tendo referido:

*"Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Senhor Presidente da Câmara Municipal
Senhoras e Senhores Vereadores,
Senhoras e Senhores Deputados Municipais
Senhores Presidentes de Junta,
Estimado público aqui presente,*

A Revolução dos Cravos é, habitualmente, caracterizada como o culminar da prolongada guerra colonial, das más condições de vida da população e das restrições à liberdade de expressão que perpassaram ao longo do período do Estado Novo.

Tendo presente esse contexto histórico, permitam-nos, que, ao iniciarmos esta nossa intervenção, dirijamos o nosso primeiro pensamento, de respeito e gratidão:

- (i) A todos os esposendenses, provenientes dos quatro cantos do concelho, que, ao longo de 13 anos, combateram na guerra colonial, nos vários teatros de operações, alguns tendo-o feito com o mais elevado dos sacrifícios — o da própria vida;*
- (ii) As centenas de esposendenses a quem uma vida de privações, e, nalguns casos, mesmo de miséria, os forçou a deixar a nossa terra e abalar para outras paragens, fosse para o outro lado do Atlântico, fosse para depois dos Pirinéus, em busca de uma vida melhor;*
- (iii) A todos os democratas do concelho que se empenharam na luta pela liberdade na construção de um Estado de Direito.*

Por e para todos esses esposendenses foi também feito o 25 de abril, reconhecimento que aqui assinalamos e que permanece inscrito na memória viva da nossa comunidade.

Senhoras e Senhores deputados, caros esposendenses,

Abril é o mês da liberdade e da democracia, assim é assinalado e celebrado por todo o país, ano após ano, este tempo do calendário.

Para quem nasceu e cresceu já em plena liberdade, como é o meu caso e o da larga maioria dos deputados desta assembleia municipal, é difícil imaginar que, durante largas décadas, os nossos pais e os nossos avós viviam num regime em que não havia liberdade de pensamento, em que não se podia ouvir certas músicas, em que não se podia ver certos filmes, em que não se podia ler certos livros, ou em que não se podia vestir certas roupas, entre tantas outras restrições.

Como escreveu um dia Jorge Amado "A liberdade é como o Sol. É o bem maior do mundo". É por essa especialíssima razão que o dia 25 de abril significa tanto para tanta gente, que se viu privada desse bem maior durante parte da sua vida, e que a nós, filhos de abril, compete

Cu ✓ *ty*

cuidar e estimar, procurando ser dignos merecedores da luta, empenho e sacrifício pessoal de muitos para fazer de Portugal um país livre e democrata, até aos dias de hoje.

O 25 de abril foi feito para todos os portugueses e a todos deve pertencer, sem exceção.

Tristemente, porém, há quem, mais de 50 anos depois, ainda teime em querer capturar esta data para si, como se a Revolução dos Cravos fosse uma coutada à qual só pertencem alguns.

Ainda há pouquíssimos anos, foi notícia o facto de a Iniciativa Liberal ter sido impedida de participar no tradicional desfile do 25 de Abril, que todos os anos, neste dia, tem lugar, na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

Outro episódio revelador do sectarismo com que alguns tratam a Revolução dos Cravos, teve lugar em 2006, quando Cavaco Silva, que na sua autobiografia política havia descrito o dia 25 de abril como um dia de grande felicidade para si e a sua mulher, numa visita a Grândola, entoou a canção "Grândola, Vila Morena".

Horas mais tarde, instado a comentar o acontecimento, Jerónimo de Sousa, então secretário-geral do PCP, dizia que Cavaco Silva cantava a histórica canção da revolução com a mesma profundidade com que cantava o popularucho Apita o Comboio.

Sejamos claros, não há donos do 25 de abril, não há donos da liberdade.

O 25 de abril não é um exclusivo da Esquerda, mas deve ser de todos, todos, todos.

Senhoras e Senhores deputados, caros esposendenses,

Atribui-se a Ronald Reagan, antigo Presidente dos Estados Unidos da América, a advertência de que "A liberdade nunca está a mais de uma geração da extinção".

Depois de meio século do 25 de abril de 1974, há que reconhecer, realisticamente, que a liberdade que então nos foi proporcionada não é um dado adquirido, muito menos definitivo.

Na verdade, o horizonte do presente e do futuro parecem carregados de nuvens ameaçadoras, um cenário que se vislumbra no panorama geral das democracias de tipo ocidental.

No caso português, de modo particular, o período pós-troika foi marcado pela emergência no quadro político nacional, de alinhamentos políticos mais extremistas, da Esquerda e Direita, fosse no seio do próprio Governo, fosse no lado da oposição, introduzindo uma práxis e um discurso eminentemente pautados pela crispação e divisionismo, em que um adversário político é desqualificado para inimigo a abater, e se ataca de forma violenta e sistemática, não raras vezes, gratuita até, quem pensa de forma contrária.

Vivemos tempos marcados por uma cultura de cancelamento, em que se tenta impor um pensamento único, silenciando-se vozes com pensamento crítico próprio e, pecado dos pecados, dissonante daquele que outros julgam ser o único correto e admissível.

Exemplo paradigmático do ora vindo de referir, é o processo de eleição de juizes para o Tribunal Constitucional, um órgão cuja composição refletiu, desde o início, a diversidade de opiniões dos juizes, mas que, nos anos mais recentes, tem sido ferido pela intolerância, com alguns respeitados Professores de Direito a serem vetados por deputados da Esquerda radical, apenas porque, de forma livre e desassombrada, expressaram ser contra o aborto.

Como um dia escreveu a escritora britânica Evelyn Beatrice Hall, numa sua biografia sobre Voltaire, "Posso não concordar com o que você diz, mas defenderei até à morte o seu direito de dizê-lo".

Esse foi o espírito que surgiu da Revolução dos Cravos e que, cinquenta e dois anos depois, torna-se urgente afirmar novamente, com coragem, em todos os lugares, das escolas às universidades, das nossas casas domésticas às casas das democracias.

Cal ✓ *h*

Como assinalou o Papa Francisco, nas vésperas da sua morte, na mensagem Urbi et Orbi do Domingo de Páscoa do ano passado: «Não é possível haver paz onde não há liberdade religiosa ou onde não há liberdade de pensamento nem de expressão, nem respeito pela opinião dos outros».

Senhoras e Senhores deputados, caros esposendenses,

Daqui a pouco menos de oito meses, quando chegarmos ao dia 12 de dezembro, assinalar-se-ão os 50 anos de uma das mais relevantes conquistas de abril: a realização das primeiras eleições livres do Poder Local.

Muito mais do que um simples ato eleitoral, essas eleições representaram a devolução do poder às populações locais, após um prolongado período de centralização e perda significativa da autonomia local.

Ao longo dos últimos cinquenta anos, os municípios e as freguesias afirmaram-se como atores importantes no desenvolvimento do território, contribuindo, através de políticas públicas de proximidade, para a melhoria das condições de vida e bem-estar dos cidadãos.

No que ao nosso concelho diz respeito, são inegáveis as grandes transformações ocorridas ao longo destes últimos 50 anos, sem, contudo, perder a sua traça identitária enquanto lugar de beleza e local privilegiado de qualidade de vida e que continua bem atual.

Enquanto autarcas, nos mais variados órgãos, cabe-nos prosseguir esse D de abril iniciado, no plano local, há 50 anos: o D de desenvolver o nosso concelho, através de um serviço à causa pública íntegro, transparente e próximo das pessoas.

Mais do que gerir o dia a dia, compete-nos preparar o futuro, com políticas que reforcem a coesão, valorizem o território e respondam às reais necessidades da nossa comunidade.

Como nos lembra Fernando Pessoa, “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Abril valeu a pena.

A liberdade, a democracia e o desenvolvimento valem a pena.

Que essa seja a inspiração, o critério e a medida do nosso compromisso coletivo por uma sociedade livre e um concelho mais justo, fraterno e desenvolvido.

Viva o 25 de abril...de todos, todos, todos!

Viva a liberdade!

Viva Esposende!

Muito obrigado!”-----

Interveio de seguida o Senhor Presidente da Câmara, nos seguintes termos:

“Bom dia a todos,

Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal,

Ex.mos Srs Vereadores;

Ex.mos Srs Deputados,

Público Presente

Celebramos uma vez mais o 25 de Abril, uma data que o nosso Município assinala hoje com uma sessão extraordinária desta Assembleia Municipal dedicada a este dia e ao seu simbolismo. Obrigado pela vossa presença.

Qu *W* *ty*

Estamos aqui hoje e seguramente nem todos temos o mesmo olhar sobre o 25 de Abril. Essa é por si só uma grande conquista: a liberdade de pensar diferente, não impondo esse pensamento diferente aos outros.

O 25 de Abril faz parte da nossa História. A maior parte dos aqui presentes não viveram, nem se lembram do dia 25 de Abril de 1974, mas vivem e desfrutam das suas consequências de uma sequência de eventos, mais do que uma revolta, que culminaram no estabelecimento de uma democracia liberal no nosso país, representativa e plural, uma sociedade com liberdade de expressão com liberdade de discordar, onde cada um pode dizer o que pensa e defender aquilo em que acredita.

António Pina num dos seus poemas escreveu:

“Virar o mundo de dentro para fora

E ver se o mundo assim melhora

E se nem assim o mundo melhorar

Voltá-lo a virar, a virar, a virar”

O 25 de Abril de 1974 não foi um ponto final. Não ficou tudo melhor com apenas o 25 de Abril, como se de um passe de magia se tratasse.

Foi um começo. E não resolveu tudo.

A democracia construiu-se, e continua a construir-se, em etapas. Com avanços, com erros, com correções.

Outros eventos aconteceram para que o nosso mundo virasse e melhorasse.

Nessa sequência de eventos não posso deixar de citar duas outras datas, datas de eventos consolidadores da nossa democracia, o 25 de abril de 1975, data das primeiras eleições livres no nosso país para a Assembleia Constituinte e o 25 de novembro de 1975, que consolidou o rumo democrático do país.

Os sistemas perfeitos de governo não existem, são uma utopia. Sabemos que a democracia não é um sistema perfeito, mas é o melhor que temos e é por ele que nos devemos manter ativos e vigilantes. É a única forma de regime que se baseia na dignidade da pessoa humana, em que não há pessoas acima nem abaixo e em que todos contam.

A democracia precisa de ser alimentada todos os dias. A democracia não se perde apenas com grandes ruturas. Perde-se, muitas vezes, no silêncio.

Na indiferença. Na rotina. Nos pequenos jogos de poder que corroem a democracia e afastam os cidadãos comuns da Causa Pública.

E isso deve preocupar-nos, a todos.

Porque uma democracia afastada das pessoas é uma democracia fragilizada, sem futuro.

E é aqui que o poder local assume um papel absolutamente central.

Ao longo destas cinco décadas, o poder local foi, talvez, uma das maiores conquistas de Abril. Lembro que as primeiras eleições autárquicas em democracia realizaram-se em dezembro de 1976. O poder local transformou o país. Aproximou decisões. Melhorou a vida concreta das pessoas.

Basta percorrer Portugal, de Norte a Sul, para perceber isso.

E Esposende não é exceção.

Passados 50 anos das primeiras eleições autárquicas livres em Portugal, também vivemos em Esposende um momento particular na nossa história local: a escolha livre e consciente do povo de Esposende de uma alternativa formada por um grupo de cidadãos que acharam que a decisão deveria estar no voto de todos os esposendenses.

Pa ✓ ✓ h

Temos hoje essa responsabilidade, a responsabilidade de governar para todos, sem exceções, sem exclusões e sem ressentimentos. Estamos aqui para darmos o nosso melhor. Com humildade para reconhecer erros, porque eles existirão. Mas com determinação para fazer mais e melhor.

Não há democracia forte sem oposição.

Mas também não há democracia saudável sem sentido de responsabilidade coletiva. Podemos, e devemos, discordar. Mas não podemos perder o essencial: servir as pessoas. Servir Esposende.

Conto com todos para sermos acima de tudo servidores públicos, para fazermos desta nossa terra uma terra melhor para todos! Como tenho dito, uma terra em que se vive dignamente, em liberdade, mas com responsabilidade e em que se distribui a riqueza e não a pobreza. É uma tarefa de todos para todos, do estado central, do município, e de cada um de nós. Este é que é o verdadeiro legado de Abril.

Cabe-nos a nós decidir se queremos apenas celebrar Abril... ou estar à altura dele.

Mais uma vez, obrigado a todos pela vossa presença."-----

Por último interveio o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, tendo feito a intervenção que se transcreve:

*“Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Senhoras e Senhores Vereadores,
Senhoras e Senhores Deputados Municipais,
Senhor Arcipreste de Esposende, Padre Rui Neiva,
Digníssimas entidades convidadas,
Ilustres convidados,
Minhas Senhoras e meus Senhores,*

Celebramos hoje mais um aniversário do 25 de abril de 1974 - uma data maior da nossa história coletiva, símbolo da liberdade, da democracia e da dignidade do povo português.

O 25 de abril representa o fim de um regime de opressão e o início de um caminho de esperança. Foi o momento em que um povo recuperou a sua voz, conquistou direitos fundamentais e abriu portas a um futuro construído com participação, pluralismo e justiça social.

Evocar abril é, antes de mais, prestar homenagem a todos aqueles que tiveram a coragem de lutar por um país mais livre. Homens e mulheres que, com determinação e sentido de missão, tornaram possível a construção de uma sociedade democrática onde hoje vivemos.

Mas comemorar abril não é apenas olhar para o passado. É, sobretudo, assumir um compromisso com o presente e com o futuro. A democracia exige de todos nós uma participação ativa, responsável e consciente. Exige diálogo, respeito pela diferença e a capacidade de construir consensos em benefício das nossas comunidades.

Em Esposende, orgulhamo-nos do caminho que tem sido trilhado ao longo destas décadas. Um concelho que cresceu, que se desenvolveu e que procura, todos os dias, melhorar a qualidade de vida dos seus cidadãos. Este progresso só foi possível graças aos valores de abril - liberdade, solidariedade e participação.

Contudo, não podemos esquecer que a democracia é um projeto em permanente construção. Enfrentamos desafios exigentes: a coesão social, a sustentabilidade, a valorização do

território, a inclusão de todos. Cabe-nos, enquanto representantes eleitos e cidadãos, honrar o legado de abril, respondendo a estes desafios com responsabilidade e visão.

Esposende não pode parar. É preciso continuar a apoiar quem mais precisa: investir na habitação, garantir saneamento para todos, reforçar a educação, promover emprego de qualidade, cuidar da infância e estar ao lado dos mais idosos. Esposende merece-o!

É também nosso dever transmitir às gerações mais jovens o significado desta data. Que compreendam que a liberdade não é um dado adquirido, mas uma conquista que deve ser preservada e defendida diariamente.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Que este 25 de abril nos inspire a continuar a construir uma sociedade mais justa, mais solidária e mais democrática. Que saibamos estar à altura do legado que recebemos, trabalhando em conjunto pelo bem comum e pelo futuro de Esposende.

Viva o 25 de abril!

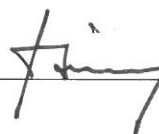
Viva a democracia!

Viva Portugal!

Muito obrigado!"-----

---Sendo 11 horas e 15 minutos, pelo Presidente da Mesa foi declarada encerrada a presente sessão.-----

O Presidente da Assembleia,



O Primeiro Secretário,



A Segunda Secretária,

